

«Epifania do vagabundo»

Um homem, de olhar embaciado pela distância dos seus pensamentos, tomava um amargo café na berma de uma esplanada.

- A vida é toda ela a simples ilusão de um sonho por realizar - concluía ele.

Em criança imaginava-se moço livre e feliz. Agora finalmente homem perde-se em nostalgias do que foi ou nunca será. Professor na melhor das universidades, degolam-no sempre que tenta assobiar canções fora do tom do bando. Obras geniais, ideias inovadoras, revoluções por vir, todas no fundo de uma gaveta tão empoeirada como o lar que perdeu.

De tanta algazarra de novas ideias cortaram-lhe as asas, chumbaram-lhe a renovação dos projetos. – De volta à raiz de todos os males, o zero... – Pensava ele.

– Malditos imbecis que vivem a vida como uma criança constrói um castelo de areia, dissecando investigações e doutoramentos em cima de cadáveres de ideias completamente podres de tão dissecados que já estão. A vaidade é como açame na boca de um cão que podia engolir o mundo se quisesse!

Em frente à sua mesa, um mendigo era expulso pelos preconceitos do gerente, enquanto o latir de risos animais de um casal na mesa ao lado lhe violavam a humanidade. Tudo o que ele pedia era um copo de água.

Vários olhares em redor do gerente franziram uma sobrancelha avarenta, mas a hipocrisia impedia-os de se oferecerem para pagar. Um cliente habitual, vestido como defunto rico a fazer gala num caixão, lançou um olhar bem corrosivo. Por tempo indefinido o gerente ficou paralisado no tempo remoendo sentimentos diversos, mas cedendo às armadilhas da hipocrisia esticou a mão às moedas e atirou uma medíocre moeda ao chão:

– Sabe como é, ordens da casa, tome, vá comprar a outro lado.

Virando costas rumo às amarras do trabalho, ainda com vergonha colada nos olhares de esgueira, emendou para o vivo vestido de defunto:

– Sabe, cada vez está mais raro encontrar clientes que não peçam fiado. É o habitual não é? Vou já caprichar na cerveja fresquinha.

O mendigo ignorou a moeda batida no chão, tão digno como chegou também partiu, sem pronunciar uma palavra que não fosse de compaixão.

Como que congelado no tempo, entre os bem-vestidos da esplanada, o professor que interrompera a *carpidaria* dos seus pensamentos para assistir à situação, sentiu-se num jardim zoológico, mas besta do outro lado das grades. Enquanto via o humano mendigo a se diluir no horizonte para longe da bestialidade da esplanada prometeu-se:

– Chega de ser bicho, a partir de amanhã vivo como homem e despeço-me: antes mendigo mas livre do que morto-vivo nas boas graças da sociedade! Levantou-se, comprou uma cerveja e correu para a oferecer.